

XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL

21 a 25 de maio de 2007

Belém - Pará - Brasil

MEMORIAL TERTULIANO BRANDÃO FILHO: HISTÓRIA E ARQUITETURA

Neuza Melo (Intituto Camillo Filho)

Maria do Carmo Almeida (Intituto Camillo Filho)

MEMORIAL TERTULIANO BRANDÃO FILHO: HISTÓRIA E ARQUITETURA

RESUMO

Propõe-se o estudo da história e a análise da arquitetura do Memorial Tertuliano Brandão Filho, em Pedro II-PI, por constituir relevante exemplo da arquitetura produzida no final do século XIX e início do século XX. Intenta-se compreender elementos, técnicas, sistemas construtivos, materiais empregados e identificar os principais estilos arquitetônicos utilizados à época de sua construção. Para tanto, além da pesquisa bibliográfica, procura-se utilizar informações sobre a história do lugar, contextualizar o período de sua construção destacando aspectos sociais e econômicos, assim como, compreender influências e características do estilo neoclássico e do ecletismo predominante no edifício. Objetiva-se também, realçar a importância da preservação do patrimônio arquitetônico das cidades e, ainda, contribuir para a formação da história da arquitetura do Piauí.

Palavras-chaves: Memorial. Arquitetura. Neoclássico. Ecletismo. Sistema Construtivo.

INTRODUÇÃO

Entender a formação da arquitetura de um local é entender também a cultura e a história das pessoas. Conhecer o passado significa preparar-se, obter informações valiosas para decisões futuras, e, então, projetar edifícios que atendam às expectativas e necessidades da população, ao tempo em que caracterizam a idade do lugar. Ao entender suas raízes e formação cultural, as pessoas podem preservar seu passado e construir melhor o presente.

A arquitetura produz bens duráveis que se integram no cotidiano das pessoas, tendendo a ser naturalizados como se sempre tivessem existido. As construções passam a constituir nas cidades uma espécie de paisagem, a um só tempo cultural e natural. Os conjuntos urbanos se transformam em terreno de afirmação e concretização das formas, que passam a moldar a percepção da realidade. (CAVALCANTI, 2002. p. 292).

O presente trabalho trata da análise histórica e arquitetônica do edifício do Memorial Tertuliano Brandão Filho em Pedro II, Piauí, e propõe conhecer, identificar, caracterizar a arquitetura, os materiais utilizados, os sistemas e técnicas construtivas empregadas, além de vários fatores importantes, tais como a influência dos principais estilos empregados nas construções da época. Pretende também informar sobre o contexto histórico e social do Memorial e da cidade de Pedro II.

A relevância deste trabalho consiste em contribuir para a formação da história da arquitetura do Piauí. Pode-se afirmar que a escolha do Memorial Tertuliano Brandão Filho é adequada, visto que o edifício conserva muitas características de uma época importante na constituição do patrimônio arquitetônico piauiense. Esta residência pertenceu a uma família de classe social de destaque no município, tendo seu proprietário influenciado a política local e do Estado por cerca de 40 anos.

PEDRO II E O MEMORIAL

Pedro II é um município do Estado do Piauí, localizado a 195km de Teresina, em uma área de 3.091km²; pertence à microrregião de Campo Maior e possui cerca de 36.500 habitantes. A cidade localiza-se próximo a Serra dos Matões, cuja altitude chega a 720m; foi fundada por João Alves Pereira, seus irmãos e companheiros, todos de descendência portuguesa, no final do séc. XVIII. João Alves trouxe uma imagem de Nossa Senhora da Conceição de Portugal, tornando-a padroeira do local e doando terras para a construção de um

templo para abrigar a imagem. Em torno da igreja, desenvolveu-se o povoado, que, à época, se chamava Pequizeiro (BASTOS, 1994. p. 438).

Em 1851, o povoado Pequizeiro foi elevado à freguesia, recebendo o nome de Matões, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Posteriormente, em 1854, homenageando o então imperador do Brasil, passou à categoria de vila, chamada de Pedro II. Em 1889, através de Decreto, voltou a ser chamada de Vila dos Matões até 21 de fevereiro de 1891, quando passou à categoria de cidade, com o nome de Itamaraty, em homenagem ao Palácio da Presidência da República. Contudo, os habitantes do local não aceitaram o novo nome, e, em 1911, voltou a ser chamada de Pedro II (PEREIRA, 1986).

O clima da cidade é agradável, proveniente de sua altitude. Pedro II tem a economia baseada na agricultura, na criação de gado e é destaque internacional por suas pedras preciosas e seu artesanato. A opala é a principal pedra extraída da região e suas redes e tapeçarias são a marca forte dos artesãos locais. Há também grande riqueza ambiental, com destaque para o Parque Ambiental Pirapora, a Cachoeira da Serra, o açude Joana, a mina de opala do Boi Morto, o Morro do Gritador e a Cachoeira do Salto Liso, que, aos poucos, estão contribuindo para o desenvolvimento do turismo na região. O Sítio da Lapa também é um local de grande importância, por tratar-se de um sítio arqueológico de grande valor histórico, e que possui inúmeras inscrições rupestres. Os principais eventos na cidade são: A Festa de Nossa Senhora da Conceição, em dezembro; a Festa da Opala, em setembro, e o Festival de Inverno, em junho.

Em Pedro II, o conjunto arquitetônico da cidade é outro grande destaque. No final do século XIX e início do século XX, acontecia no Piauí, como no restante do País, uma arquitetura marcada pela introdução do estilo neoclássico e do ecletismo, encontrando-se exemplos dessas arquiteturas em várias cidades.

Segundo Alcília Afonso e Melo (2002), em Teresina, onde o classicismo foi adotado inicialmente em edifícios institucionais e posteriormente em residências, podem ser citados o Palácio de Karnak, construído por volta de 1889, o Teatro 4 de Setembro, inaugurado em 1894, a sede da Prefeitura Municipal, construída em 1922, como exemplos de arquitetura neoclássica, e o Clube dos Diários, fundado em 1927, e várias residências da época, como exemplos do ecletismo. Da mesma forma que a capital, outras cidades também aderiram às novidades, como, por exemplo, Parnaíba, Piracuruca, e Pedro II, que possui um belo casario (Figura 1), e que traz em si características da arquitetura colonial, do estilo neoclássico e do ecletismo, encontrados principalmente no edifício Memorial Tertuliano Brandão Filho.



Figura 1 – Casario de Pedro II.
Fonte: Neuza Melo, 2006.

A cidade de Pedro II, assim como outras do interior do Piauí no final do séc. XIX e início do séc. XX tinham como uma das fontes de desenvolvimento a atividade extrativa e a comercialização dos produtos (NUNES apud SANTANA, 1995, p.100). Contudo, foi ainda o final do séc. XIX que marcou o início da liderança política da família Brandão, tendo à frente Tertuliano Brandão Filho, nascido em 1870. Proprietário rural, coronel da Guarda Nacional e grande comerciante (GALVÃO, 1995), possuía, na década de 1920, uma das maiores empresas comerciais do município, mantendo negócios especialmente no litoral piauiense, em Parnaíba e no interior do Ceará, em cidades como Ipu e Sobral. Foi intendente do município e deputado estadual, sempre mantendo a força eleitoral e o prestígio de chefe dominante local, ficando à frente da política de Pedro II até 1932 quando faleceu (PEREIRA, 1991). Destaque-se que, em 1926, a cidade de Pedro II foi invadida pelos revoltosos da Coluna Prestes, liderados por João Alberto Leal de Barros como descreveu Matias Olympio (MELO, apud PEREIRA, 1987, p.122):

[...] O Capitão Otacílio daqui marchou com sua força a pé em busca da coluna João Alberto, que rumou para o Ceará, passando pelos municípios piauienses de Campo Maior e Pedro II. Do primeiro, essencialmente criador de cavalar, arrebanhou muitos exemplares e no segundo encontrou-se com negociantes coronéis Antônio Leôncio Pereira Ferraz e Tertuliano Brandão Filho, exigindo do primeiro quatro contos de réis e do segundo dois contos. A casa de residência do deputado Tertuliano Brandão Filho, que havia viajado para Ipu, no Ceará, foi invadida, havendo os invasores retirado de sob o soalho do edifício grande quantidade de moedas de prata e níquel, avaliadas em vinte contos, além de jóias e antigos objetos de prata.

A residência que hoje abriga o Memorial foi construída em 1922 pelo então deputado estadual Tertuliano Brandão Filho, está situada na Praça da Independência, um dos pontos mais altos da cidade e de onde se tem visão privilegiada do entorno. Conforme Sarah Mourão

Benício (1986), sua execução, que contou com os artesãos e mestres-de-obras cearenses Luis Nunes e João Umbelino, vindos de Sobral e Ipu, os maiores centros de comércio do Ceará na época, levou cerca de três anos, sendo finalizada em 1925. O local (Figura 2) sempre foi palco de importantes acontecimentos, decisões sociais e políticas do Estado, pois era a residência de uma das mais importantes famílias do Piauí.



Figura 2 – Memorial Tertuliano Brandão Filho (1925).
Fonte: Coleção Itamaraty (1987).

A partir de 1932, com o falecimento do primeiro proprietário, o coronel Tertuliano, a casa passa a pertencer a seu filho mais velho, Tertuliano Milton Brandão, que foi deputado estadual, vice-governador e deputado federal. Milton Brandão manifestou, através de instrumento público de testamento, o desejo de que a casa fosse utilizada como o Memorial, abrigando o Centro Cultural de Pedro II e recebendo o nome de seu pai.

O Memorial foi inaugurado em 10 de março de 1987, pelo então governador do Piauí Dr. José Raimundo Bona Medeiros, e contou com o trabalho da arquiteta Alcília Afonso e do artista plástico Nonato Oliveira, que executou a montagem do local. É composto por um acervo de 800 peças, sala da família, sala em memória do deputado Tertuliano, biblioteca com 988 volumes, auditório com 50 lugares, lojas de artesanato; fica aberto ao público de segunda à sexta-feira, e aos sábados pela manhã. Recentemente, o Memorial passou, mais uma vez, por outro processo de restauração, concluído em duas etapas: a primeira, em maio de 2005, com recursos do governo do Estado; e a segunda, em junho de 2006, através da Fundação Cultural do Piauí (FUNDAC), que obteve recursos do Ministério da Cultura e do Fundo Nacional de Cultura (FNC), para concluir a recuperação de uma das mais importantes edificações históricas de Pedro II e do Piauí. Tal reforma impediu o processo de degradação e arruinamento que o edifício vinha sofrendo ao longo do tempo (FUNDAC, 2005).

OS ESTILOS E ANÁLISE DO MEMORIAL

No Brasil, as edificações foram erguidas primeiro seguindo os ditames da Corte, e também com algumas inspirações nas construções indígenas. No final do século XIX e início do século XX, as construções foram se adequando aos estilos e movimentos europeus adotados no País. Em Pedro II, os avanços, mudanças e novidades, conforme ocorria na capital e demais cidades do Estado nesse período, deixaram suas marcas, e o Memorial Tertuliano Brandão Filho foi construído seguindo o que estava acontecendo à época, ou seja, a arquitetura neoclássica e o ecletismo.

Fazem-se necessárias algumas considerações acerca do neoclassicismo e do ecletismo. Na Europa, a economia, no período entre 1760 e 1830, é marcada pela Revolução Industrial, com muitos avanços nas técnicas e nos materiais. Para a arquitetura e toda a História da Arte, o marco é o neoclassicismo, que se iniciou na Inglaterra e na França. Por sua vez, os ingleses queriam voltar às formas de *Palladio*, e os franceses queriam abolir o Rococó e o Barroco, buscando então seus opostos com características de racionalidade e coerência. Ao longo de todo o séc. XIX e até início do séc. XX, a arquitetura neoclássica marcou as construções de outros países, como é o caso do Brasil, que aderiu ao estilo após a chegada da Missão Francesa em 1816 (LIMA, Mimeo).

Assinale-se que a primeira metade do séc. XIX foi marcada por muitas mudanças filosóficas e sociais. A melhor opção para representar a nova classe social que agora surgia, a burguesia, foi o retorno ao equilíbrio e à sobriedade da democrata sociedade clássica, substituindo assim o barroco e o rococó, estilos que possuíam um decorativismo excessivo, um caráter trivial e que estavam associados à aristocracia obsoleta.

Por sua vez, a arquitetura neoclássica tem como principais características a busca do classicismo, da pureza da arte clássica; utiliza frontões, colunatas, dintéis e átrios; não há sobreposição de ordens arquitetônicas; o exterior quer demonstrar grandiosidade e força, enquanto o interior busca a comodidade e o bem-estar. Tem como inspiração principal o templo grego, e as linhas volumétricas dominantes são as horizontais. Nas plantas, as formas são quadradas, retangulares ou centradas. Há a autonomia dos elementos decorativos, e os principais materiais utilizados eram o tijolo, a pedra, o mármore branco, pedra calcária e granito (LIMA, Mimeo).

De acordo com Nestor Goulart Reis Filho (2004), o que caracterizou a arquitetura neoclássica no Brasil foi a simplicidade das formas e a clareza construtiva, com suas cornijas e as platibandas e balaustradas substituindo os beirais. Pedra e tijolo revestidos e pintados

constituíam as paredes. As janelas e portas eram enquadradas em pedras aparelhadas e recebiam bandeiras; e as entradas marcadas por escadarias, colunatas e frontões. No interior dos edifícios, ocorria agora uma intensa vida social, e as paredes recebiam pinturas em tons pastéis, tais como o rosa, o coral e papéis coloridos. O mobiliário tornou-se mais complexo e buscou-se mais conforto. Os objetos eram mais refinados, como cristais, louças e porcelanas. Contudo, subjacentes aos detalhes decorativos do estilo neoclássico, ainda encontra-se a rigidez das construções coloniais, pois os elementos estruturais não permitiam o uso de escadarias ou frontões, ficando o uso do estilo restrito aos elementos decorativos das fachadas. A distribuição do espaço interno ainda era o mesmo do período colonial.

O ecletismo é um movimento arquitetônico que surgiu no final do século XVIII, na Europa, estendendo-se até o início do século XX. No Brasil, esse movimento intensifica-se com a chegada dos imigrantes no século XIX. A princípio, criticava-se a reprodução dos estilos passados, procurando interpretá-los livremente, pesquisando e inspirando-se em setores menos conhecidos como a arquitetura japonesa e indiana, por exemplo. Ocorre que, com a produção industrial em larga escala, surgem novos materiais, novas técnicas, novas necessidades; e para ser um bom arquiteto era importante ter o domínio sobre o maior número de estilos, atendendo às diversidades de gostos da burguesia que priorizava o bem-estar, amava o progresso e as novidades (ALBERNAZ; LIMA, 2002).

Esse movimento resultou, portanto, em construções inspiradas em momentos distintos do passado, que apresentaram manifestações vindas de diversas épocas e regiões, em que se reuniram elementos de vários estilos, utilizando-se dos modelos de forma livre, sem o rigor arqueológico exigido pela prática revivalista, permitindo misturar, em um mesmo edifício, influências muito distintas.

Por outro lado, as residências urbanas sofreram modificações, visto que não mais se contava tão largamente com o sistema servil. As primeiras estão relacionadas com a implantação no lote, tendo agora o edifício recuado dos limites laterais e alinhado à via pública. O esquema da casa era geralmente o de porão alto, mas a entrada era transferida para a lateral. As residências maiores eram enriquecidas com um jardim do lado, introduzindo o elemento paisagístico que possibilitava arejamento e iluminação. A ligação entre edifício e jardim apresentava-se através de varandas apoiadas em colunatas de ferro.

No interior conservava-se a posição dos compartimentos, nos quais à frente da casa ficavam: a sala de visitas, os quartos em torno de um corredor ou sala de refeições, na parte central, com cozinha e banheiros localizados ao fundo. Utilizavam a balaustrada na platibanda

e cornija logo abaixo, além do uso de cores fortes. Os gradis de ferro eram presença quase obrigatória nos prédios à época (REIS FILHO, 2004).

Nos centros maiores do litoral, especialmente o Rio de Janeiro e Recife, por manterem contato direto com os centros europeus, a arte e a arquitetura alcançaram elevados padrões de correção formal, integrando-se praticamente aos ditames internacionais. Nas províncias, como no Piauí, a arquitetura era mais simples; e as transformações ocorreram em um nível mais superficial, posto que, muitas vezes, não contavam com materiais ou técnicas utilizadas nos grandes centros. O Memorial possui área construída de 494,39m² e apresenta forma em “L”, conforme se pode observar (Figura 3).

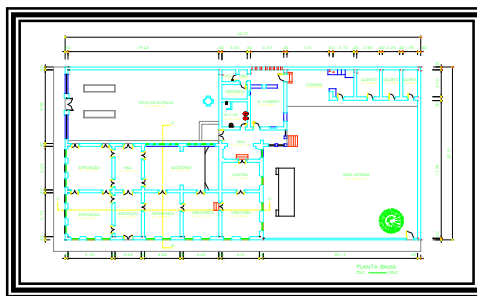


Fig. 3 – Planta Baixa do Memorial.
Fonte – FUNDAC, 2005.

Os sistemas construtivos compreendem as estruturas, as vedações, os pisos, os forros, os vãos, as coberturas, enfim, as técnicas e materiais utilizados nas construções dos edifícios. Quanto à estrutura, os alicerces são os elementos que ficam enterrados e servem de base para as construções, recebendo as cargas do edifício e transferindo-as ao solo. As paredes estruturais possuem função de vedação, ao mesmo tempo em que suportam as cargas da construção, podendo ser em taipa de pilão, alvenaria de pedra e barro, pedra e cal, adobe e tijolo. A estrutura autônoma funciona como o esqueleto de sustentação do edifício formado de vigas, pilares e outros elementos estruturais, nos quais as paredes funcionam como vedação e não recebem nenhuma carga (VASCONCELLOS, 1979).

No Memorial, as paredes possuem caráter estrutural portante, o que pode ser constatado pela espessura das paredes, pelo material e técnica utilizada. Podem ser vistas pedras na parte posterior do edifício (Figura 4). Os pilares que nascem da fundação da casa, feitos de tijolos e pedras, podem ser vistos nos porões (Figura 5).

A fachada principal é marcada pelo enquadramento, comuns nas construções antigas e que constitui a disposição de elementos ou peças da construção de modo a demarcarem uma parede ou um trecho desta, de forma quadrada ou retangular englobando as pilastras, cunhais,



Figura 4 – Detalhe do Muro Feito com Pedras.
Fonte: Neuza Melo, 2006.



Figura 5 – Pilares no porão do Edifício.
Fonte: Neuza Melo, 2006.

faixas e cimalthas. Na fachada do Memorial em estudo, percebe-se claramente a cimaltha, ou seja, o beiral perfilado; neste caso, em alvenaria e massa; o cunhal, parte saliente nas extremidades das paredes e o embasamento (Figura 6).



Figura 6 – Enquadramento.
Fonte: Ivone Nascimento.

Os arcos eram muito utilizados. Os mais antigos são os de volta redonda ou arco pleno, e podem ser maciços, de alvenaria ou de cantaria. Aparecem em vários locais do Memorial (Figura 7).



Figura 7 – Arco.
Fonte: Ivone Nascimento.

As vedações recebem diversos acabamentos, desde o revestimento das paredes até o coroamento e tratamento dos cunhais, podendo ser revestidas em madeira, azulejos, com argamassa, como é o caso do edifício em estudo, ou em estuque, uma argamassa feita de gesso ou cal fina e areia, algumas vezes misturados com o pó de mármore, que, após secar, atinge grande dureza. Não podem ser esquecidas as telhas (Figura 8), que protegem as paredes das águas, revestindo empenas, mansardas, lanternins e outros elementos. Há paredes onde os coroamentos se fazem livres, com empenas monumentais, compreendendo frontões ou platibandas. No Memorial, a platibanda é trabalhada com pináculos e marcada pelo número CMXXV (Figura 9).



Fig. 8. Detalhe da Empena, Telhas e uso da argamassa.
Fonte: Neuza Melo, 2006.



Fig. 9. Detalhe da Platibanda.
Fonte: Neuza Melo, 2006.

Segundo Sarah Mourão Benício (1986), à época da construção do Memorial, era difícil a importação de azulejos portugueses, deste modo, a opção utilizada para substituí-los, e também ao mármore, foi o uso do estuque. Internamente as paredes são revestidas por argamassa e destaca-se então o uso do estuque, com motivos florais ou estilizações geométricas em tons de bege, vermelho sangue de boi e verde (Figura 10); feito com água, cola e gesso, forma barras que medem cerca de 70 cm de altura. Também pode revestir toda a parede, como é o caso da sala. As demais paredes internas recebem pintura branca, à base de água, e as paredes externas na fachada são pintadas na cor amarela, tom pastel.

Na opinião de Sylvio Vasconcellos (1979), é grande o número de pisos utilizados na arquitetura tradicional brasileira. Neste sentido, podem ser citados como exemplo: a terra batida, socada de forma a deixar a superfície resistente e uniforme; o ladrilho de barro, que é argamassa de terra ou tijolos de barro cozido, assentados sobre a terra socada; o tabuado corrido, um conjunto de tábuas de madeira encaixadas ou justapostas, um soalho de tábuas



Figura 10 – Detalhe do Estuque.
Fonte: Neuza Melo, 2006.

sem emendas, em geral largas, no qual o barroto é uma peça de madeira, usada principalmente na formação de armação para fixação de soalho e forro, como pode ser observado nos antigos porões do edifício. O lajeado, piso revestido com placas de pedras irregulares, chamadas lajes e comumente assentadas com argamassa; o ladrilho hidráulico, obtido por prensagem hidráulica de argamassa de cimento ou barro; o mármore, utilizado com as mesmas técnicas do lajeado; por fim, os tacos, pedaços de madeira de forma retangular; e os paquets, pedaços de madeira de formas variadas.

No Memorial, encontram-se alguns exemplos de piso, como o ladrilho de barro no porão, o assoalho de madeira ou tabuado corrido, em grande parte dos ambientes (Figura 11), e o ladrilho hidráulico nas cores verde e branco, no salão onde a família fazia suas reuniões (Figura 12).



Figura 11 – Detalhe do Tabuado Corrido.
Fonte: Neuza Melo, 2006.

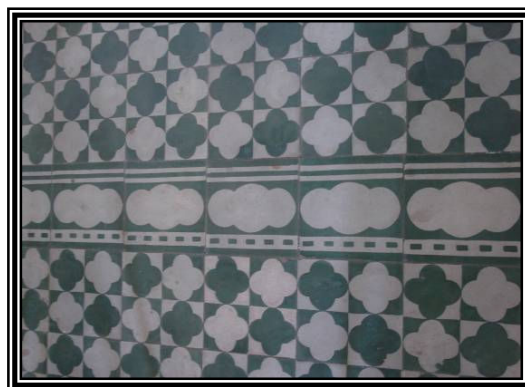


Figura 12 – Detalhe do Ladrilho Hidráulico.
Fonte: Neuza Melo, 2006.

Os forros assim como os pisos apresentavam inúmeras variedades; dos mais simples, que são os de esteira, formados por tábuas horizontais, ou os chamados gamela ou masseiras, formadas por cinco painéis, dos quais, quatro são inclinados, trapezoidais, e o quinto é retangular, fechando o espaço deixado pelos demais. O tabuado liso era o mais comum, principalmente nas construções mais antigas; consiste em tábuas colocadas no mesmo plano, topo a topo, havendo ainda o chamado saia e camisa, com tábuas sobrepostas e aqueles feitos de estuque ou de tijolos (VASCONCELLOS, 1979).

O Memorial possuía forro em todos os cômodos da área social e em um dormitório, sendo ele em tabuado (Figura 13). Em outras partes do edifício, o telhado é aparente, e, após a primeira recuperação do edifício, em 1987, foi colocado forro de gesso em alguns cômodos que não possuíam, mas que se faziam necessários, em razão de seu novo uso, como biblioteca e administração, por exemplo. Há ainda um detalhe interessante no antigo quarto de dormir da família, onde o forro só foi aplicado na metade do cômodo.



Figura 13 – Detalhe do Forro em tabuado.
Fonte: Neuza Melo, 2006.

Sylvio de Vasconcellos (1979) afirma ainda que os vãos se dividem em portas, janelas, óculos e seteiras. São classificados pelo material, pela forma e pelo acabamento. Como exemplo de janelas tem-se: janela de peitoril, também conhecida como pano de peito; são aquelas em que o vão aberto no pano da parede leva peitoril cheio. Janela rasgada é aquela cujo vão é aberto até o nível do piso, em paredes de grande espessura, de modo que as esquadrias ficam na parte externa da parede, podendo ainda ser chamadas de janela com parapeito entalado, onde o parapeito vazado é sempre colocado entre as ombreiras ou janela de parapeito sacado, que, conforme o nome, traz o parapeito sacado para fora. Janela de rampa é aquela cujo peitoril e verga são dispostos inclinados para o interior.

No Memorial, inicialmente as esquadrias eram pintadas na cor cinza, tendo sido pintadas de verde e atualmente estão todas pintadas com tinta a óleo, novamente na cor cinza. As balaustradas em ferro trabalhado da fachada lateral também são pintadas na cor cinza. Na Figura 14 tem-se o exemplo de janela de peitoril; e, na Figura 15, janela de parapeito entalado.



Fig. 14. Janela de Peitoril.
Fonte: Neuza Melo, 2006.

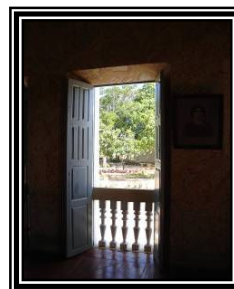


Fig. 15. Janela de Parapeito Entalado.
Fonte: Neuza Melo, 2006.

Porta é a abertura em parede ou muro ao nível do piso, vedada por folha, dando acesso a edifícios, recintos ou compartimentos. Podem-se observar belos exemplos no Memorial, como o que dá acesso ao hall da casa, em madeira e a porta ao final do hall, em madeira trabalhada com motivos florais e pássaros, e onde se pode ler também o nome do dono da casa (Figura 16).



Fig. 16. Porta no Hall.
Fonte: Neuza Melo, 2006.

Óculo é abertura ou pequena janela, geralmente de forma circular, oval ou arredondada, utilizada para iluminar, ventilar ou apenas com função decorativa. Quando possui formato retangular chama-se seteira. Segundo Nestor Goulart Reis Filho (2004), as casas térreas de porão alto, com fins exclusivamente residenciais, foi uma inovação importante, marcada pela presença dos óculos e dos gradis de ferro. Indicavam ser a residência de pessoas importantes, de proprietários rurais. Contudo, essas moradias ainda eram construídas no alinhamento das

ruas, e o interior buscava imitar os ambientes das grandes residências da Corte. No Memorial, os óculos podem ser vistos na fachada principal (Figura 17); podem ser vistos também no porão do edifício, ventilando o local. Há ainda janelas como se fossem espécies de seteiras no edifício, como as que estão na cozinha (Figura 18).



Figura 17 – Detalhe do Óculo.
Fonte: Neuza Melo, 2006.



Figura 18 – Janelas da Cozinha.
Fonte: Neuza Melo, 2006.

O guarda corpo é um anteparo de proteção, em geral à meia altura, utilizado nas janelas, e como proteção para o vão das portas; pode ser de madeira, ferro, pedra ou cerâmica. No Memorial, têm-se vários exemplos de guarda corpo como o em ferro (Figura 19), o de platibanda e o guarda corpo da porta de entrada, em madeira torneada (Figura 20).



Figura 19 – Guarda Corpo em Ferro.
Fonte: Neuza Melo, 2006.

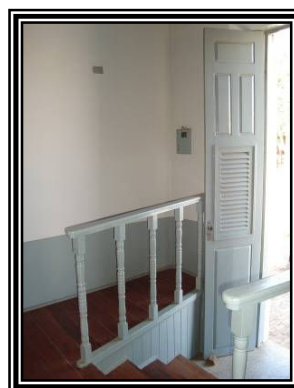


Figura 20 – Guarda Corpo em Madeira.
Fonte: Neuza Melo, 2006.

O fechamento dos vãos nas construções antigas, em sua grande maioria, é feito com madeira, e, às vezes, reforçadas com chapas ou fitas de ferro. No caso das portas, podem ser de tabuado ao comprido – de calha – ou organizadas em quadros. Quando as folhas são engradadas têm sempre painéis de almofadas. As portas podem ter ainda a bandeira ou caixilho com vidro, podendo ser fixos ou móveis. As folhas podem ser maciças, cegas, com

postigos (almofada móvel nas portas ou janelas) e tipos vazados providos ou não de caixilho de vidro.

De acordo com Nestor Goulart Reis Filho (2004), as bandeiras muitas vezes recebiam madeira ou ferro fundido no lugar do vidro, e as folhas das portas e janelas eram ora almofadadas, ora com venezianas. No memorial, pode ser visto um fechamento de vão bem trabalhado na porta do hall (Figura 21). As treliças, elementos de vedação, em geral de madeira e composto por peças que se cruzam. Também muito usadas para dar movimento às folhas são as dobradiças de cachimbo ou missagras. Outras ferragens são os ferrolhos; vale citar ainda as aldabras, tipo de maçaneta em forma de alça. No Memorial, tem-se o exemplo de maçaneta em louça na porta do hall (Figura 21).



Figura 21 – Detalhe da Porta do Hall.
Fonte: Neuza Melo, 2006.

Para Sylvio de Vasconcellos (1979), as coberturas podem ser mais simples, chamadas meia água; cangalhas, quando possuem duas águas, com cumeeira entalada entre as duas empenas; ou com múltiplos planos, com tacaniça ou copiar (água de área triangular entre os espigões). Segundo Maria Paula Albernaz (2002), empena é o vértice da parede onde se apóia a cumeeira, a parte superior triangular limitada por dois planos de cobertura também conhecida como outão o oitão; quando se volta para a frente, recebe a denominação de frontão. No Memorial, as empenas podem ser vistas nas fachadas laterais.

Nas construções antigas, as tesouras eram armadas com o uso de pontaletes, e os empuxos laterais transmitidos diretamente às paredes onde se apóiam as pernas. Quando a linha alta é encontrada no terço médio das pernas, recebe o nome de canga de porco. Terças e cumeeira são, muitas vezes, apoiadas diretamente sobre o prolongamento das paredes internas (se maciças), esteios ou pilares de alvenaria. Destaque-se que as construções mais rebuscadas eram sempre cobertas com telhas.

A cobertura do Memorial mostra muito bem como era o sistema de construção à época, quando utilizavam soluções simples de caibros e ripas em madeira serrada, com pilares indo até o telhado, inexistindo tesouras (Figura 22).



Figura 22 – Detalhe do Telhado.
Fonte: Neuza Melo. 2006.

Convém enfatizar que o Memorial Tertuliano Brandão Filho reflete todo o esplendor de uma época. Os porões, os dormitórios, as salas com fotos antigas, tudo isso guarda, ao tempo em que repassa a história do lugar. Não se encontram mais no Memorial o misto de jardim-quintal com as palmeiras imperiais, as tamareiras, as pitombeiras, os sapotizeiros e os jasmims. Os móveis ou outros objetos que pertenceram à família Brandão não mais se encontram ali. Contudo, pode-se imaginar a atmosfera do local quando Sarah Mourão Benício (1986, p.58) escreve:

Pedro II, 1925 – Estava pronta e ambientada com todo requinte de jardins, mobiliário de época, peças de arte, a casa do Cel. Terto. Lâmpadas Belgas iluminavam as salas com predominância de mobiliário francês em estilo ‘Art- Nouveau’: consoles, marquesas, cadeiras austríacas ‘Thonet’ se distribuíam em grupos harmônicos. Nos dormitórios, as camas de dossel, as cômodas de tampos de mármore, serviços de lavabo em porcelana, ‘psychés’ e sua escrivaninha que curiosamente emitia sons musicais quando se lhe abriam as gavetas. Belas peças de arte em motivos florais muito ao gosto da época, ‘cachê- pots’, estatuetas em formas dançantes ao estilo ‘Liberty’, vasos de opalina azul bordados, ‘fotomobiles’ (tipos de candeeiros) em porcelana francesa, juntavam-se aos belos serviços de mesa em cristal ‘Baccarat’, porcelana de Limoges e faiança inglesa em conjunto vários.

Anteriormente, o edifício estava em más condições de preservação (Figura 23). Conforme citado, o edifício passou, há pouco tempo, por uma nova restauração, sob os cuidados da arquiteta Patrícia Mendes dos Santos, responsável pela gestão do Patrimônio Cultural do Estado. Com base na realidade estudada, pode-se afirmar que está bem preservado (Figura 24). Segundo dados da Fundação Cultural do Piauí – FUNDAC (2005):

[...] os serviços realizados na obra foram a restauração da pintura artesanal, pisos, vitrines e painéis para acervo museológico, janelas, portas, forro em madeira, antigos porões para visitação, revisão elétrica com instalação de novas luminárias e interruptores, revisão de cobertura, adequação de dois novos banheiros adaptados para deficiente e público em geral, acesso para deficientes através de diversas rampas, iluminação externa, dentre outros.



Figura 23 – Memorial Tertuliano Brandão Filho.
Fonte: FUNDAC, 2005.



Figura 24 – Memorial Tertuliano Brandão Filho.
Fonte: FUNDAC, 2005.

CONCLUSÃO

Ao estudar a história do Memorial Tertuliano Brandão Filho, pode-se entender o quanto ele é significativo, por haver pertencido a uma família tradicional de Pedro II, foi e continua inserido nos fatos marcantes que envolveram a cidade, caracterizando a riqueza e o poderio de uma época.

Após pesquisar os vários elementos da arquitetura do Memorial, pode-se perceber que tal edificação representa o que ocorria nos edifícios construídos em sua época, no início do século XX, apesar de situar-se em uma cidade do interior do Piauí, onde as dificuldades para uma construção como essa eram maiores. Também é perceptível a influência vinda do Ceará, onde podem ser encontrados edifícios muito parecidos com o Memorial e com alguns elementos que não eram comuns às construções piauienses, como é o caso do estuque.

As características predominantes no edifício são do estilo neoclássico, tais como a platibanda, os balaústres, o porão elevando a edificação, a pintura em tons pastéis, as linhas horizontais, o posicionamento do edifício no lote e ainda no alinhamento da rua, as bandeiras, a entrada pela parte frontal e outros fatores. Contudo, este apresenta aspectos do movimento ecletismo, tendo em vista que também possui influências de outras épocas, regiões e outros estilos, sistemas ainda utilizados na arquitetura colonial, como o uso da pedra, por exemplo, e algumas outras características que não eram comuns no Piauí, como, por exemplo, o estuque substituindo o papel de parede.

O Memorial é, portanto, um edifício suntuoso, importante, que representa a alta classe social do período de sua construção, tornando-se um marco na cidade. Mesmo nos dias atuais, tem como função essencial abrigar o Centro Cultural de Pedro II, resguardando, com isso, valores importantes como história, costumes, além de contribuir como local de pesquisa nas mais diversas áreas.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, Maria Paula; LIMA, Cecília Modesto. **Dicionário ilustrado de arquitetura**. 2. ed. São Paulo: Pro Editores, 2002.

BASTOS, Cláudio de Albuquerque. **Dicionário histórico e geográfico do Estado do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves – PMT, 1994. p. 438.

BENÍCIO, Sarah Mourão. Memorial Tertuliano Brandão Filho. In: **PRESENÇA**. Teresina: Órgão da Secretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Piauí, ano VIII. v. 17, abr./jul. 1986.

CAVALCANTI, Lauro. Arquitetura brasileira nos séculos XIX e XX. In: BUENO, Alexei et al. **O patrimônio construído: as 100 mais belas edificações do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Capivara, 2002. p. 292.

FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ – FUNDAC. Teresina, 2005.

GALVÃO, Ana Paulino. **A terra e o homem na história de Pedro II**. Teresina: COMEPI, 1995.

LIMA, Sílvia Maria Santana Andrade. (Mimeo).

MELO, Alcília Afonso de Albuquerque e. **Arquitetura em Teresina: 150 anos, da origem à contemporaneidade**. 1. ed. Teresina: Halley, 2002.

MELO, Matias Olympio. Rumos e atitudes. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1956. p. 122. In: PEREIRA, José Eduardo. **Pedro II e Domingos Mourão: coletânea de artigos**. 2 série. Teresina, 1987. (Coleção Itamaraty – Caderno 5).

NUNES, Maria Célis Portella; ABREU, Irlane Gonçalves de. Vilas e Cidades do Piauí. In: SANTANA, R. N. Monteiro. **Piauí: formação – desenvolvimento – perspectiva**. Teresina: Halley, 1995. cap. IV. p.100.

PEREIRA, José Eduardo. **O solar da estrela marrom: onde se encontra a saga do indômito coronel Domingos Mourão Filho**. Teresina: Gráfica e Editora Júnior, 1991. (Coleção Itamaraty, Caderno 6).

PEREIRA, José Eduardo. **Pedro II e Domingos Mourão: coletânea de Artigos**. 1. série. Teresina, 1986. (Coleção Itamaraty).

PEREIRA, José Eduardo. **Pedro II e Domingos Mourão: coletânea de Artigos e outros escritos**. 1. série. Teresina, 1987. (Coleção Itamaraty).

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

VASCONCELLOS, Sylvio. **Arquitetura no Brasil**: sistemas construtivos. 5. ed. Universidade de Minas Gerais. Belo Horizonte: Rona, 1979.